

ANC 82 Prisioneiros da conjuntura

São Paulo

Não é nada agradável a situação dos constituintes que são parlamentaristas, por antiga e arraigada convicção. Eles se debatem entre o desejo de votar a favor do parlamentarismo, por eles tido como o único sistema de governo capaz de dar estabilidade institucional ao país, raciocinando em termos permanentes, e a necessidade de evitar que a implantação do novo mecanismo seja tão torpedeada a ponto de inviabilizá-lo não apenas conjuntural mas permanentemente.

De fato, se o parlamentarismo, eventualmente implantado, sofrer o mesmo processo de desgaste ocorrido em tentativa anterior (1961), dificilmente ressurgirá no futuro próximo ou remoto.

Surge dessa dificuldade uma clara dualidade de posições entre constituintes séria e responsabilmente parlamentaristas. Tome-se o caso do senador José Fogaça (PMDB-RS) e do deputado Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE). O primeiro acha que o parlamentarismo pode ficar para depois da eleição presidencial, para evitar que Sarney, contrariado pela mudança nas regras do jogo, tente dinamitar o sistema. Ou seja, Fogaça prefere salvar o permanente, sacrificando o conjuntural.

Egídio, não. Ele, além de autor da proposta parlamentarista a ser votada na semana que vem (caso o presidencialismo

seja rejeitado), tem outra emenda, nas disposições transitórias, prevendo a implantação do parlamentarismo dez dias depois de promulgada a nova Carta.

Egídio acha que, se a criança nascer sadia, tem condições de enfrentar as vicissitudes do pós-parto. Se não, morrerá mais cedo ou mais tarde e talvez seja melhor que morra logo, antes que o mundo político tenha tempo de se afeioar a ela.

Essas visões contraditórias acabam resumidas na posição do senador José Richa (PMDB-PR), preocupado com a saúde institucional do país e certo de que só a introdução do parlamentarismo pode representar um "fato novo" capaz de dar algum oxigênio. Apesar dessa opinião, Richa prefere que o parlamentarismo fique para depois da eleição presidencial.

Mas não conseguiu, até agora, elaborar algum outro "fato novo" que dê o alento suficiente para que o país, cambaleante, chegue até a eleição presidencial. No fundo, tem razão Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), que lamenta que os constituintes, teoricamente dedicados a construir o futuro, tenham se tornado prisioneiros da conjuntura.

Clóvis Rossi

FOLHA DE SÃO PAULO

17 MAR 1984